



Imagem de capa:
Serra da Arrábida,
fotografia de
Márcio Sousa.



Deuses Lusitanos — Nemeteus

ALEXANDRE GABRIEL



Ur-Gardan e o Regresso das Serpentes

NUNO FERREIRA GONÇALVES



O Druidismo do outro lado do Oceano

MELISSA G. BOËCHAT



Crónica de Lughnasadh

ANA FONSECA



O Oráculo Animal dos Druidas

FÁBIO BARBOSA

Índice



RUBRICAS

Eisteddfod	20
Almanaque	24
Tríade	27

Deuses Lusitanos

Nemeteus

ALEXANDRE GABRIEL



O Achado e a sua Decifração

EM 1940 FOI DESCOBERTA uma inscrição no Castelo de São Jorge, em Lisboa, na qual claramente se pode ler *NEMET[...]*¹. Trata-se de um achado único, cujo nome não se encontra em mais nenhuma inscrição conhecida na Lusitânia. Curiosamente, esta divindade³ tem passado relativamente despercebida no que diz

respeito a estudos mais aprofundados acerca da sua origem e significado.

Esta lápide encontra-se actualmente na Sala de Turismo do Castelo de São Jorge e, embora esteja algo maltratada pelo tempo, uma observação mais atenta permite-nos ainda “decifrar” uma outra letra que faz igualmente parte da mesma⁴. Uma tentativa de reconstituição apresentada por José d’Encarnação é

1 Segundo José d’Encarnação (*Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, I.N.C.M., Lisboa, 1975, pp. 246-247) pode ler-se: NEMET[EVVS] / FIRMVS.AV[G] / VER VIL XX / HER [L?].S.F. O autor faz a seguinte interpretação: *Nemet[eus vel Nemetlus] / Firmus Au[g(usti)] / ver(na) vil(icus) XX / her(editatium) [L? vel E?]] s(uo?) f(ecit?)*.

2 São ainda visíveis, como veremos adiante, vestígios de mais uma letra neste nome.

3 Embora alguns autores julguem ler nesta palavra um antropónimo, existem fortes razões para a podermos considerar, com uma elevada dose de probabilidade, como sendo um teónimo. Esta afirmação é sustentada pela comparação com outras inscrições encontradas em territórios anteriormente habitados pelos povos Celtas.

4 Na inscrição são perceptíveis “o travessão inferior e metade da haste vertical” de uma letra, como o aponta José d’Encarnação (*idem*). Neste sentido, e sendo pouco provável que se trate de um *L*, será com certeza aquilo que resta de um *E*.

Ur-Gardan e o Regresso das Serpentes

NUNO FERREIRA GONÇALVES

DE ENTRE OS ANAIS da Sabedoria Iniciática das Idades ressaltam relatos velados ao longo dos milénios, sobretudo na Mongólia, Tibete, Norte da Índia e Egipto, que insinuam a presença de uma elite sub-racial atlante na faixa ocidental do actual continente europeu. Essa faixa cobria uma vasta área territorial que se estendia das actuais Ilhas Britânicas até ao norte do continente africano, sem qualquer divisão infligida pelo mar, a qual acontece nos dias de hoje. Os mesmos anais revelam que, na iminência de uma das principais catástrofes que flagelaram a Atlântida, a referida elite sub-racial migrou para Norte, salvando-se das águas diluvianas. Diversas tradições preservam a memória colectiva de um dilúvio que abalou indelevelmente os fundamentos do éden atlante. Mas essas mesmas tradições preservam igualmente a reminiscência mítica de uma ilha a Norte que nenhum cataclismo pode atingir.

Incontáveis evos terão passado até que aquele povo privilegiado se submetesse a uma nova migração, instalando-se inicialmente na Meseta do Pamir. Abandonaram

a Ilha Imperecível sob a égide de Aries e por isso ficaram conhecidos nos anais como Árias. Subdividindo-se em quatro grandes ramos primordiais, foram protagonizando várias migrações, ocupando sucessivamente o Irão, a Mesopotâmia, a Península Arábica, o Egipto e a bacia oriental do Mediterrâneo. Posteriormente, também as florestas do Norte da Europa viriam a servir-lhes de lar, para finalmente regressarem ao ponto de partida, as plagas extremo-ocidentais do velho continente.

Mas a raça dos Árias, perdida a memória longínqua dos seus ancestrais, errou pelos confins da Região do Fogo, *Ur-Rope*, ou Europa. Cedo precisou que os grandes Instrutores, Adeptos de uma congregação oculta mais antiga que a própria civilização, lhes iluminassem o árduo caminho que viriam a percorrer.

O Livro de Dzian, resgatado pela indómita Blavatsky a ashramas orientais de acesso interdito, fala das “Serpentes que voltaram a descer, que fizeram a paz com a Quinta [Raça] (ariana – N. A.), que a ensinaram e instruíram.”



“Serpentes” de que fala igualmente Avieno na sua *Ora Maritima*, ora chamando-lhes *Sefes* (povo de controversa origem entre os estudiosos), ora revelando a presença remota dos *Dragani*. Curiosamente, quer a sua raiz etimológica reside no hebraico *tsefah*, quer reside no grego *sepe*, o enigmático termo *sefe* significa invariavelmente serpente. Já a tradução do termo *dragani* é susceptível de ser feita de uma forma mais directa, remetendo naturalmente para *dragão* (ou *serpente alada*, tanto vale).

Importa reter da obra de Avieno o facto de a narrativa se desenrolar no Ocidente peninsular, fazendo jus ao cognome lavrado pelos antigos gregos, ao designá-lo *Ophiusa*, ou *Terra das Serpentes*.

Quanto a nós, as Serpentes regressaram em vagas, sendo os *Dragani* os mais antigos, porquanto já cá estavam no tempo em que os *Sefes* apareceram, por sua vez, num período já relativamente tardio do processo. Somos induzidos a identificar os *Dragani* com os enigmáticos *Tuatha Dé Danann*, os *Dragões de Sabedoria* que regressaram para instruir os povos do Extremo-Ocidente europeu, à semelhança do que fizeram, em tempos arcaicos, os

Nâgas na Índia ou os *Shemsu-Hor* no Egipto. Efectivamente, podem ser surpreendidos, na mitologia irlandesa, relatos que fazem remontar a origem dos *Tuatha Dé Danann* às ilhas a norte do mundo. Recordemos a ilha a Norte inicialmente referida, para onde os melhores entre os atlantes foram conduzidos com vista à progénie de uma nova civilização. Quem os conduziu para lá, e quem os trabalhou geneticamente para os transformar no protótipo primordial da raça ariana, senão as mesmas Serpentes que posteriormente viriam a instruí-los, a civilizá-los e a orientá-los rumo ao futuro da civilização europeia? Afirmar que esses Iniciados eram os guardiães da sabedoria arcana dos “deuses” atlantes torna-se óbvio mediante o exposto.

É igualmente notável constatar que *Tuatha*, *Tuat* e *Duat* são termos foneticamente similares. A linguagem das Serpentes encerra chaves filológicas, semânticas, etimológicas, onomáticas e fonéticas de valor inapreciável para a descodificação dos pequenos e grandes Mistérios. *Tuat* é o “mundo inferior” (também no sentido de *interior*), infernal, subterrâneo, etc., segundo a tradição egípcia. *Duat*, por sua vez, é apontada

tríade



ANA FONSECA

Três coisas para um amigo:
que ele seja para ti um segundo eu;
não deixes que a sua miséria dele te afaste;
faz pela sua memória o que farias
se ele ainda estivesse vivo.

ANTIGA TRÍADE CELTA